

# DA PRESENÇA DO ESTUDANTE NO CANCIONEIRO POPULAR DOS AÇORES

VICTOR RUI DORES

Dores, V. R. (2013), Da presença do estudante no cancioneiro popular dos Açores. *Boletim do Núcleo Cultural da Horta*, 22: 147-153.

**Sumário:** Em três perspetivas temáticas, o texto pretende lançar alguns olhares sobre a presença do estudante no cancioneiro popular dos Açores, abordando os contextos sócio-culturais de quem estuda durante os séculos XVII, XVIII e XIX.

Dores, V. R. (2013), About the student's presence in the songbook of the Azores. *Boletim do Núcleo Cultural da Horta*, 22: 147-153.

**Summary:** a study about the student's presence in the songbook of the Azores in three thematic perspectives. The social and cultural context of the student during the 17<sup>th</sup>, 18<sup>th</sup> and 19<sup>th</sup> centuries.

Victor Rui Dorez – Escola Secundária Manuel de Arriaga, Rua Ilha Azul – 9900-039 Horta.

**Palavras-chave:** estudante, cancioneiro, Açores, oralidade, versos, estudar, música, ironia.

**Key-words:** student, songbook, Azores, orality, verses, to study, music, irony.

O povo açoriano tem na oralidade uma das suas mais ricas expressões culturais. Com efeito, há todo um saber empírico transmitido, de memória em memória, ao longo de séculos. Basta uma leitura de superfície ao cancioneiro, ao romanceiro e ao adagiário recolhidos nos Açores para percebermos como lá estão traduzidos e refletidos a idiosincrasia, a memória, os costumes, as tradições,

os sentimentos e os preconceitos morais do nosso povo.

Antes de mais, há que ter em conta este pressuposto: por razões históricas e culturais, o cancioneiro popular dos Açores é inseparável e indissociável do cancioneiro nacional. Mas é de referir que vivências e realidades insulares muito específicas (a nemesiana “açorianidade”) deram marcas de diferenciação aos materiais de

literatura que chegaram até nós com os primeiros povoadores e posteriormente.

Por conseguinte, é no contexto de uma oralidade que se foi cristalizando e sendo transmitida de geração em geração, que aqui me proponho lançar alguns olhares à presença do estudante no cancioneiro popular dos Açores, tendo como referências as obras *Cantos Populares do Arquipélago Açoriano*, de Teófilo Braga<sup>1</sup>, *Cancioneiro Geral dos Açores*, de Armando Cortes-Rodrigues<sup>2</sup> e *Cantigas do Povo dos Açores*, do tenente Francisco José Dias<sup>3</sup>, a par do que resulta de alguma reflexão pessoal.

Tracemos, desde já, o perfil do estudante que surge no cancioneiro. Trata-se obviamente do estudante dos séculos XVII, XVIII e XIX, proveniente de famílias abastadas, já que nesses recuados tempos os estudos não estavam ao alcance dos mais desfavorecidos. Recorde-se, a propósito, que até à segunda metade do século XX era esta a prática comum: quem não possuía condições económicas para estudar nos liceus e universidades, regra geral ingressava nos semi-

nários, enveredando pela carreira eclesiástica.

Constituindo essencialmente a juventude um período de aprendizagem, de crescimento interior e exterior, um tempo de sonhos por realizar e utopias por cumprir, fácil é verificar que a visão que o cancioneiro nos transmite do estudante é assaz deturpada e estereotipada.

Dividirei a presença do estudante no cancioneiro popular em três perspetivas temáticas, e isto porque nas obras por mim consultadas, as quadras estão dispersas e soltas e não formam a unidade temática que aqui pretendo estabelecer.

1. Numa primeira abordagem o estudante é-nos apresentado em toda a sua irrequietude, irreverência e inconstância na vida, e sobretudo, nos amores:

O amor do estudante  
Não dura mais que uma hora;  
Toca o sino, vai p'rás aulas  
Vem a férias, vai-se embora.

O amor do estudante  
É muito, mas dura pouco;  
É como o milho vermelho  
Que se aparta um do outro.

O amor do estudante  
É enquanto está presente:  
Tira o chapéu, vai-se embora  
Fiai-vos lá nessa gente.

<sup>1</sup> Universidade dos Açores, Ponta Delgada, 1982.

<sup>2</sup> 3 volumes, Secretaria Regional da Educação e Cultura/Direção Regional dos Assuntos Culturais, 1882.

<sup>3</sup> Instituto Açoriano de Cultura, Angra do Heroísmo, 1981.

Meu amor é estudante  
Traz a capa a dar a dar  
Cabeça de bule-bule  
Cata vento a variar.

O amor do estudante  
É como a pomba ferida  
Pelo ar derrama o sangue  
Chega a terra, acaba a vida.

O amor do estudante  
É um amor bandoleiro  
Entra, sai e vai-se embora  
Não tem amor verdadeiro.

2. Numa segunda perspetiva, deparamos com uma certa ironia mordaz, por vezes a roçar o sarcasmo, que a “*vox populi*” lança à vivência desregrada e boémia do estudante. Aliás, o povo sempre gostou de lançar juízos morais sobre os mais novos. Até porque, para os mais idosos, os jovens representam a juventude que eles, velhos, já perderam. E portanto está aqui latente um certo conflito, não propriamente de gerações mas de comportamentos.

Quem namora a estudantes  
Faz dois pecados mortais  
Tira-lhes o tempo ao estudo  
E rouba dinheiro aos pais.

Taverneiro, deita vinho  
Deita vinho com fartura;  
Que o dinheiro do estudante  
Tarde vem e pouco dura.

O amor dos estudantes  
É lindo de se ver  
São os amores a subir  
E as notas a descer.

Estudantes são maganos  
Amigos de apalpar tudo  
Apalparam-me a jaqueta  
Se era de ganga ou de veludo.

Mais vale um homem do mar  
Com remendos na jaqueta  
Do que vale um estudante  
Vestido de gala preta.

Coimbra, nobre cidade  
Perdição dos estudantes  
Vão para lá uns santinhos  
E vêm de lá uns tratantes.

Estudantes de Coimbra  
Se burros vão, burros vêm  
Coimbra não dá juízo  
A quem juízo não tem.

Aliás, a cidade de Coimbra é muitas vezes referenciada no cancioneiro devido à sua Universidade que, ao longo dos séculos, tem vindo a acolher sucessivas gerações de estudantes açorianos.

Campos verdes de Coimbra  
Cheios de canaviais  
Quem se fia em estudantes  
O que recebe são ais.

Coimbra, nobre cidade  
 Onde se ensinam doutores.  
 Foi de lá que mandei vir  
 Os meus primeiros amores.

Quem dera ir a Coimbra  
 Para estudar medicina  
 Só para apalpar o pulso  
 Àquela linda menina.

3. Uma terceira perspetiva aponta para uma vertente lírica e amorosa. Há aqui um sentimento de empatia em relação ao estudante. E é a amada que fala e diz: “Meu amor é estudante”. Recorde-se que, nesse tempo a que vimos aludindo, o ensino estava vedado ao sexo feminino. A amada saúda o estudante com grande expansão lírica, enquanto aguarda, pacientemente, que ele acabe os estudos, na perspetiva de uma ascensão social e, claro está, de um casamento feliz. Acima de tudo, ela crê que, mais importante que os livros é o amor...

Meu amor é estudante  
 Anda agora no liceu  
 Se ele chegar a formar-se  
 Muito feliz serei eu.

Meu amor é estudante  
 Anda agora no latim  
 Se ele chegar a formar-se  
 Ninguém tenha dó de mim.

Estudante, deixa o livro  
 Vem passear ao jardim  
 Antes uma hora de amor  
 Do que duas de latim.

A capa do estudante  
 É um jardim de flores  
 Toda cheia de remendos  
 Botados por seus amores.

Meu amor é estudante  
 Estudante de direito  
 Quando passa para a aula  
 Parece um amor perfeito.

Refira-se que muitas quadras referentes aos estudantes e pertencentes ao nosso cancioneiro faziam parte dos autógrafos trocados, noutros tempos, por adolescentes. Vejamos alguns exemplos:

Se o estudo mata tanto  
 Como dizem os doutores  
 Oh, malta, viva o descanso  
 Que trabalhem os professores.

A vida de um estudante  
 É uma vida atrapalhada  
 Se estuda não namora  
 Se namora, não sabe nada.

O amor do estudante  
 É como o clima africano  
 Varia de dia para dia  
 Nunca chega ao fim do ano.

Na aula de astronomia  
 O mestre pôs-me na rua  
 Por dizer que os teus olhos  
 Brilham mais que a lua.

O amor do estudante  
 Dura apenas um momento  
 É como a folha do álamo  
 Que vira conforme o vento.

Ontem como hoje, o estudante será  
 sempre um eterno apaixonado...

Do estudante o amor  
 Nunca julgues ser só teu  
 Antes troques um doutor  
 Por um rapaz como eu.

## II

### “Fado do Estudante”

Mas a presença do estudante está  
 também na música. E não só nos  
 fados e baladas de Coimbra. Perten-  
 cente à música tradicional da ilha  
 Terceira, há uma canção chamada  
 “Fado do estudante”, tocada em dó  
 menor e cantada, entre outras, com as  
 seguintes quadras<sup>4</sup>:

O amor do estudante, (ó lindinha)  
 É vário como a maré  
 De dia agarra-se aos livros  
 À noite vai p’ró café.

O amor do estudante  
 É como as ondas do mar  
 Beija todas as areias  
 E a todas deixa ficar.

Namorei um estudante  
 Que jurou ser meu amor  
 Mas quando acabou o curso  
 Trocou-me por um doutor.

O amor dos estudantes  
 É falso e mentiroso  
 Prefiro um rapaz modesto  
 A um estudante vaidoso.

Segundo César das Neves<sup>5</sup>, esta can-  
 ção do estudante é decalcada da can-  
 ção continental “Quitollis”, de tim-  
 bre humorístico e que era cantada no  
 século XVII por estudantes de Coim-  
 bra. Esta canção foi parar à ilha Ter-  
 ceira, trazida por estudantes açoria-  
 nos ou possivelmente por marinheiros  
 que não só traziam notícias de longe,  
 como também introduziam novas me-  
 lodias por onde aportavam. O que é  
 facto é que os terceirenses adotaram  
 e adaptaram a melodia do “Quitollis”  
 e daí nasceu uma nova canção que, a  
 partir de 1871, se tornou popular na  
 ilha Terceira. Primeiro com o nome  
 de “Os Estudantes”, depois “O Estu-  
 dante” e, já no primeiro quartel do

<sup>4</sup> Grupo de Baile da Canção Regional Tercei-  
 rense da Sociedade Recreio dos Artistas.

<sup>5</sup> *Cancioneiro de Músicas Populares*, Lisboa,  
 1896.

século XX, passou a ter a atual designação de “Fado do Estudante”.

Uma coisa é certa. Esta canção nunca fez parte dos “bailes à antiga” que constituem o corpo folclórico musical da ilha Terceira: “Charamba”, “S. Miguel ou virar do baile”, “Samaçaiço”, “Tirana”, “Chamarrita”, “Pezinho”, “Praia”, “Saudade”, “Bravo”, “Meu Bem”, “Lira”, “Olhos Pretos”, “As Velhas”, “Os Braços”, “Bela Aurora”, “Casaco ou Cá Sei” e a “Sapateia”. Por conseguinte, o “Fado do Estudante” faz parte das chamadas “modas novas”, ou “danças de roda”, a par de outras como “O Ladrão”, “Doce Esperança”, “Viradinha”, “Suspiros”, “Caracol”, “Palmas”, “Viuvinha”, “Balancé”, entre outras. Convirá lembrar que alguns etnomusicólogos consideram que algum fado e alguma balada de Coimbra têm na sua génese uma raiz musical proveniente da música tradicional dos Açores. De resto, sabemos que era usual o estudante açoriano levar para Coimbra a “viola da terra”, a qual lhe servia de companhia nas horas de solidão e de lazer. Foram certamente os açorianos que foram estudar para Coimbra (dois dos quais terão sido Antero de Quental e Teófilo de Braga) os primeiros grandes divulgadores da música tradicional açoriana no continente português.

Dentro dos Açores, no século XIX e primeiro quartel do século XX, alguns

estudiosos começam a fazer trabalho de recolha, *in situ*, munidos de canhe-nhos, lápis e papel de pauta. Lembro aqui alguns nomes: João Teixeira Soares de Sousa (1827-1882) que, na ilha de São Jorge, recolheu abundante número de materiais de literatura oral que seriam posteriormente coligidos por Teófilo Braga; o escritor e poeta terceirense António Moniz Cortes-Real que, em 1832, escreve um artigo intitulado “Um baile popular há 100 anos”<sup>6</sup> e que constitui um dos primeiros registos escritos sobre o nosso folclore (“Constância”); outros dois terceirenses, o historiador Gervásio Lima e o músico João Moniz (avô de Carlos Alberto Moniz), andaram de burro e de carroça a calcorrear a ilha Terceira fazendo importantes recolhas orais. Este tipo de trabalho foi igualmente realizado, com outras abordagens e diferentes metodologias, por Armando Cortes-Rodrigues na ilha de São Miguel.

Na segunda metade do século XX, ficamos a dever o estabelecimento de um verdadeiro e profícuo intercâmbio musical entre Continente e Ilhas aos açorianos Fernando Machado Soares (autor da conhecida “Balada da despedida”), Germano Sousa, Antero Dias, Alberto Borges, Duarte e Ci-

---

<sup>6</sup> *Festas do Espírito Santo, cantores e cantares*, de Gervásio Lima, Livraria Editora Andrade, Angra do Heroísmo, 1932.

ríaco, Carlos Alberto Moniz, Bartolomeu Dutra, entre muitos outros que divulgaram e continuam a divulgar a nossa música do outro lado do mar. E é isto que há a fazer: recriar, recuperar e divulgar a música que herdámos da melhor poesia trovadoresca e que ecoa ainda em nós na voz do José da Lata ou na viola da terra de Laureano Correia dos Reis.